

## OS DOUTORES DA QUERMESSE

Antonio Geraldo M. G. PIRES  
agpires@sercomtel.com.br  
Anísio CALCIOLARI JR  
anisiocalciolari@hotmail.com

Este texto é fruto do Trabalho de Conclusão do Curso que tinha como objeto de estudo a quermesse realizada no município de Rinópolis/SP. Como referencial teórico-metodológico da pesquisa utilizamos os princípios dos estudos em representações sociais<sup>1</sup>, pois proporcionam uma melhor aproximação do objeto, condições necessárias à interpretação dos sentidos da maneira como está representada a quermesse no imaginário da sociedade. O estudo, qualitativo<sup>2</sup>, focalizou seu objeto através dos olhares dos atores envolvidos, respeitando os sentidos presentes em seus discursos. Nesta linha de compreensão, procuramos responder a questões muito particulares, pois trabalhamos com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que correspondem ao espaço mais profundo das relações e dos fenômenos. O estudo porta traços da pesquisa participante visto que um dos pesquisadores faz parte da comunidade estudada.

Para a coleta dos dados da pesquisa, utilizamos entrevista semi-estruturada, realizadas no decorrer de toda a elaboração da festa, ou seja, a interação que construímos com os atores se deu ao mesmo tempo em que construíam a festa e na realização da festa. Utilizamos um diário de campo onde eram registradas observações que considerávamos como relevante ao estudo, como expressões e sensações dos atores durante as entrevistas, a maneira como se portavam e falavam após a entrevista e como participavam da festa. A filmagem e a fotografia nos possibilitaram a ampliação do foco do estudo nos permitindo documentar momentos e situações que ilustram a riqueza de todo o ritual da festa. As falas foram analisadas a partir da orientação metodológica da análise do discurso<sup>3</sup>.

Rinópolis foi povoada por italianos, espanhóis e japoneses que buscavam trabalho no cultivo do café: *“eu sou nascido em Garça, mas meus pais vieram prá cá em 1939, praticamente eu vim prá cá com quatro anos (...), naquele tempo o pessoal tinha uma*

*influência muito grande pelo plantio de café né, era uma terra nova, táva começando a desenvolve né, os preço da terra era muito baixo, então o povo vinha prá cá prá si aventurá(...)*”. Com a riqueza do café, veio o desenvolvimento da cidade: *”era uma das cidades qui mais produziu café, era um grande número de sitiantes né, todos com propriedades di médio porte prá pequeno, não era grandes fazendas, então era um movimento muito grande, muita gente, chegou a ter 35 mil habitantes (...) na década de 60 até 80 é..., ela era um município assim..., muito bom, com um forte poder aquisitivo, porque o café tinha preço, todo mundo colhia bem então fazia dinheiro aquela época, na praça você não andava nela, se você quer sabe você não andava nela, ficava assim empilhada de gente(...)*”. A decadência do município inicia no ano de 1975 com a geadada, perda da safra e queima da plantação, levando ao êxodo rural, tragédia da qual não se recuperou: *“foi no auge do café, foi uma derrota assim..., um caos (...) eu e meu irmão deveria tê na época cento e cinqüenta mil pé de café, além disso, nós era comerciante também, comprava, beneficiava e vendia pro porto, prá Santos, foi terrível,..., tanto é que daquela época prá cá Rinópolis foi assim..., foi lá embaixo e tá difícil de decolá”; “eu lembro que os pés foram cortados, em alguns lugares arrancados, porque a raiz queimô, deu desespero em quem tinha roça, logo, é como se tivesse uma indústria e ela pegasse fogo, é a mesma coisa, ficou sem nada, foi trágico, você andava assim, aquilo tava preto, torrado, queimado, como se tivesse passado fogo mesmo aquilo tudo verde derrepente, aquilo tudo torrado, numa noite”*.

A partir deste fato e de suas conseqüências – psicológicas, políticas, sociais e culturais – na subjetividade da sociedade, iniciamos a construção das primeiras interações com atores envolvidos com a organização da quermesse. Esta prática foi básica para que identificássemos o grupo central de atores responsável pela festa. Passamos a freqüentar a comunidade do Jardim São Paulo que era organizada em torno da construção da igreja de Santa Rita de Cássia e Rosa Mística, para nós a referência do grupo. A representação sobre o trabalho conjunto/coletivo/comunitário realizado remete a idéia do sacrifício pessoal em benefício de todos, ou seja, a bondade, generosidade e solidariedade entre os homens, ficam claras nos discursos: *“é o momento que a gente se reúne, todo mundo junto num*

*mesmo objetivo, e vendo que ninguém está lucrando nada, mas na verdade todo mundo está lucrando, pois é para uma comunidade inteira, cada coisa, cada peça, cada tijolo colocado foi um momento de alegria*”, e que explicamos pela idéia<sup>4</sup> de que é a produção de vínculos sociais baseados, não em interesses racionais, mas em sentimentos, emoções que unem este grupo, o sentimento de comunhão, de fé, crenças, re-aliança e pulsão que incita o grupo a se buscar, se reunir, enfim, se render ao outro.

Para o grupo, a quermesse é a prática social mais eficaz na angariação dos recursos para à construção da igreja. Assumimos essa compreensão em função da força simbólica que a quermesse tem no imaginário dos atores, o que acabou por torná-la seu mais relevante traço cultural. Nestas condições, a busca por recursos é a objetivação<sup>5</sup> das representações sobre a festa. Cabe ressaltar que foram eleitos para participar da pesquisa atores envolvidos diretamente com a quermesse - festa de São Cristóvão.

A festa de São Cristóvão - protetor dos caminhoneiros - estava instituída no imaginário da população como uma festa tradicional e o acontecimento mais aguardado pela comunidade, principalmente os caminhoneiros, era o auge da manifestação de fé, crença e agradecimento dos caminhoneiros, bem como espaço de fortalecimento dos laços que uniam o grupo: *“noventa por cento era os caminhoneiros que fazia (a quermesse), era um grupo muito fechado, vichiii, era só avisá qui tinha reunião..., vichiii, era uma beleza, era chic”*. Podemos dizer que a representação do poder da Associação dos Caminhoneiros em 15 anos se materializava em ter sido ela a única instituição laica na história da cidade a participar da organização, execução e nos lucros de uma festividade religiosa.

No início a festa era na rua da igreja Matriz - praça central da cidade - que em função do deslocamento de seu significado no imaginário social passou a exigir uma reestruturação organizacional, objetivada na mudança da cobertura da área central que era de bambu, passando a ser feita com uma estrutura de ferro. Este dado é relevante à compreensão da festa, na medida em que inicialmente ela era feita pelos caminhoneiros, mas, que com a força simbólica por ela incorporada, seus organizadores, passaram a exercer um maior poder junto à sociedade, visto terem sido eles os responsáveis por libertar

a festa de duas amarras: de natureza estrutural – substituiu o bambu pelo ferro, livrando a festa dos infortúnios do clima desfavorável – e de natureza política – passa a não depender de recursos financeiros da prefeitura para sua realização.

O núcleo central<sup>6</sup> da representação sobre o poder dos caminhoneiros estava na “Barraca de Ferro” conforme identificamos no discurso: *“as festas eram boas, vichiii, nós pegamos umas chuva, um vento, essas coisas né, e como era no tempo, nós compramos as lona, a estrutura, precisamos refazê, precisamos modificá prá ela não ficá fraca, porque ela balançava né, precisamos travá com ferro”*. Simbolicamente, podemos dizer que a “Barraca de Ferro” passou a exercer no imaginário do grupo o papel de ancoragem<sup>7</sup>. A festa não era realizada em qualquer lugar, pois sua força simbólica estava fundada no campo do religioso, o que determinava ser à frente da igreja Matriz o local mais apropriado para a armação da “Barraca de Ferro” dos caminhoneiros. Durante todo o período em que festa foi realizada com a utilização da “Barraca de Ferro” a representação sobre a quermesse instituída no imaginário da sociedade remetia a idéia de resgate de um passado glorioso – a cafeicultura - e que fazia com que o grupo renascesse – mito de Fênix – diante do aprofundamento da crise econômica dos anos 90 do século XX, que colocou em decadência a profissão de caminhoneiro, condição identificada no discurso: *“antes era melhor, você comprava as coisas e pagava mais fácil, agora não né, pedágio, estrada ruim, só tem estrada boa ondi tem pedágio, ondi não tem pedágio a estrada não presta(...) agora passei num buraco e ficou em seiscentos reais o buraco”*; *“precisava ter uns dois ou três (São Cristóvão), um só não tá cuidando de todo mundo não”*.

Podemos afirma que o forte vinculo que a população de Rinópolis mantém com a igreja católica, remete à festa da quermesse – campo do profano – e que às questões da religiosidade - campo do sagrado/festa de São Cristóvão - somente se manifesta até a realização da procissão em homenagem ao Santo. Enfim a quermesse é uma presença marcante na vida da sociedade, visto ser ela o espaço no qual a memória coletiva remete às boas lembranças, tradições e possibilidades de se projetar a idéia de um “bom futuro” para os atores, na medida em que a relação entre a vivência individual e coletiva remete a

imagens difusas da quermesse enquanto representação de uma sociedade rica e potencialmente voltada para o desenvolvimento – memória de um tempo longo – e a quermesse atual representada como uma festa simples, pobre, enfraquecida, da mesma forma que a sociedade – memória de um tempo vivido -. Mas, de forma contraditória, a quermesse também remete o imaginário de seu grupo organizador ao campo dos devaneios<sup>8</sup>, espaço dos sonhos, fantasias, imaginação e liberdade, o que nos faz acreditar ser um espaço produtivo para a compreensão das variadas formas de viver a experiência humana em sociedade. Bem assim podemos dizer que o tempo da festa se opõe ao tempo da vida cotidiana, pois rompe com as preocupações da garantia da existência e se apresenta como um outro mundo, onde os atores se sentem amparados, transformados e livres das pressões da vida cotidiana. Esta característica transformadora da quermesse é inerente ao ritual das festas - ruptura da vida cotidiana - que é o tempo *extraordinário*. Assim, a festa construída pelos atores se opõe aos acontecimentos não controlados pela sociedade, pois são eventos formais, centralizados, baseados em momento bem marcados, exigindo um mínimo de divisão interna, sendo que sua estrutura hierarquizante aparece de modo manifesto.

Estudar a quermesse foi mergulhar em um campo que nasce da tradição, que mantém alguns traços de arcaísmo, mas, que é resignificada pelos atores, na medida em que desloca seus sentidos, fazendo com que seja vivenciada de maneira distinta de outras épocas, ao mesmo tempo em que conserva suas estruturas fundantes.

Os discursos dos atores sobre a quermesse dizem que seu início se deu no início dos anos 50 do século XX e que havia uma invasão da cidade por parte das famílias do campo principais responsáveis pela sua existência no que diz respeito ao fator econômico, que em função de sua devoção ao Santo fazia grandes doações que viabilizavam a festa. As ofertas de prendas e prêmios para a quermesse vinham da população rural, sendo que havia todo um ritual de preparação para algumas das ofertas para serem utilizadas na festa, conforme explicitado no discurso: “(...) *you chegava a pessoa falava: ó, vencá, esse proquinho tá sendo criado, ele foi criado prá quermesse, pode*

*levá que eu já criei prá quermesse. Esses frangos aqui ó, esses já tão separados, porque esses são da quermesse. Isso tinha muito, era muito comum, você passava, eram sacos de café separados: esse café já ficou aqui porque esse café é da quermesse ”; “todo mundo ia, não precisava nem chama que o pessoal já ia, era só da um alô que o pessoal já ia. Você imagina, limpá, dispená. Limpá duzentos, trezentos frango caipira, tinha que tê vontade. Se não, não ia (...) reunia prá mata esses frangos, leitoas, picá, temperá, assá no forno a lenha, era no forno a lenha, tinha que esquentá o forno prá assá o frango, a leitoa”.*

Considerando o campo do sagrado existente na quermesse os atos da devoção e doação se confundem. Aqui as doações de dinheiro, prendas e animais aparecem como um dom, um ato de renúncia, é uma forma de sacrifício, de despendimento, de doação de vida, e junto com ela toda suas angústias, sonhos, desejos. Esse ato representa no imaginário do ator o agradecimento pelas conquistas, pelas bênçãos alcançadas. A devoção foi identificada nos discursos quando estes remetiam a idéia do estabelecimento entre os atores de um contrato de reciprocidade, já que a população vivencia fatos concretos, temores, sonhos e crenças, fazendo com que o sentido do sagrado da festa seja representado como um momento de consolidação da vida.

O elemento mágico da festa se materializa na construção do “breguedé”<sup>9</sup>, que identificamos como o espaço sagrado da quermesse. Ele pode ser assumido como a ancoragem da festa, o que garante a existência e sucesso da quermesse. Sua produção é ritualizada, iniciando com a colheita da mandioca pelos homens. Em seguida, ela é entregue às mulheres que farão a transformação do elemento natural – mandioca – em elemento mágico – breguedé. O primeiro ato que remete ao campo do sagrado é a forma coletiva de produção do café matinal. Aqui se consolida a interação do grupo, culminando com o estreitamento dos laços de generosidade, afetividade e solidariedade com a realização do almoço. Estas passagens do ritual instituem o sentimento de pertencimento ao grupo no imaginário dos atores, enquanto elemento fundante da quermesse. O limiar entre o profano e o sagrado na produção do “breguedé” se verifica quando o grupo explicita sua religiosidade em orações, prática que os aproxima do Senhor. O ritual é dirigido por uma

mulher o que demonstra sua importância na fazeção da quermesse, orienta as orações definindo seu conteúdo e determina os pedidos a serem feitos ao Senhor - a proteção para todos, e, em especial, dos caminhoneiros.

Acreditamos que o fato da produção do breguedé ser vinculado ao sagrado colaborou para que passasse a ser representado como “a vida” da quermesse. Sua instituição no imaginário social se deu de forma tão marcante, que é capaz de mobilizar as pessoas para participarem da festa: *“tem gente que vai lá só prá come breguedé, tem gente que sai de casa só pra i lá comprá um pratinho de breguedé”*. O consumo de breguedé tira as pessoas de casa, é motivação de encontros, colaborando para a preservação da tradição da festa: *“o breguedé é a alma da quermesse de Rinópolis, é o cartão de visitas né, porque, eu não sei, aquela coisinha de mandioca lá, que as vezes não tem tanto sabor, e como da trabalho né, é a alma, se falta breguedé não tem quermesse, sai briga, se falta eles já reclamam”*.

O consumo do breguedé remete a idéia da eucaristia, o alimento que renova a vida, os laços de esperança e de comunhão com toda uma comunidade que tem como a alma de sua mais significativa manifestação cultural a quermesse. Finalizando, acreditamos que foi a partir das relações sociais construídas e vivenciadas no campo de produção e circulação das representações sobre a quermesse nossos atores quando participam da festa estendem seus laços sociais para além das interações do mundo privado. É através das experiências vividas durante o ritual de construção da festa que passam a reconhecer o contexto em que estão inseridas, onde a redescobrem suas relações com a sociedade, oportunizando momentos para repensarem seu contexto, seu cotidiano, compreendendo sua realidade, possibilitando assim que re-signifiquem suas vivências socioculturais, bem como a re-construção de suas formas de aprendizagem de si mesmo e do mundo, ou seja, sentem-se vivas, na medida em que se tornam senhores da produção de sua existência e da história de sua sociedade.

Ao se identificarem como “Os Doutores da Quermesse”, os atores representam à natureza da relação que eles travam com a produção e manutenção da quermesse. Eles ao

participarem da festa estendem seus laços sociais para além das interações do mundo privado. É através das experiências vividas durante o ritual de construção da festa que passam a reconhecer o contexto em que estão inseridas, onde a redescobrem suas relações com a sociedade, oportunizando momentos para repensarem seu contexto, seu cotidiano, compreendendo sua realidade, possibilitando assim que re-signifiquem suas vivências socioculturais, bem como a re-construção de suas formas de aprendizagem de si mesmo e do mundo, ou seja, sentem-se vivas, na medida em que se tornam senhores da produção de sua existência e da história de sua sociedade, enfim ser “doutor em quermesse” representa em seu imaginário a relação que estabelecem com a festa.

---

1 Aqui entendidas como uma modalidade de saber gerado através da comunicação na vida cotidiana com a finalidade prática de orientar os comportamentos em situações sociais concretas, ou seja, são princípios geradores de tomada de posição, ligados a inserções específicas em um conjunto de relações sociais e que organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações. (Doise, 1990).

2 No texto remete ao princípio de ser o campo ambiente natural da pesquisa. O pesquisador é seu principal instrumento e supõe o contato direto e prolongado com o ambiente e a situação que está sendo investigada.

3 A análise do discurso aqui trata a palavra, concebendo a linguagem como a mediação necessária entre o homem e a realidade social. Procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico constitutivo do homem e sua história.

4 O princípio aqui trabalho diz respeito a ser a festa compreendida como uma prática transgressora e instauradora de uma forma de socialização, na qual o acento é dado pelo estar - junto, pelo fato mesmo da relação.

5 Objetivação consiste em materializar as abstrações, corporificar os pensamentos, tornar física e visível o impalpável, enfim, transformar em objeto o que é representado.

6 É o elemento mais estável das representações cuja ausência desestruturaria ou daria uma significação radicalmente diferente à representação em seu conjunto. Elemento fundamental das representações, pois determina ao mesmo tempo sua significação e organização.

7 Ancoragem é aqui vista como o elemento assegurador da incorporação da representação ao mundo social. Enraíza a representação e seus objetos numa rede de significações que permite situá-los em relação aos valores sociais e dar-lhes coerências.

8 A idéia de devaneios remete ao pensamento de Gaston Bachelard registrado nos textos *A Poética do Devaneio*, *A Poética do Espaço* e *A Terra e os Devaneios da Vontade*.

9 Nasceu a partir de um erro na manipulação da massa destinada à produção de coxinhas que seriam vendidas na quermesse. Com o objetivo de re-aproveitamento da massa, uma mulher propôs incrementar a massa com outro tipo de tempero.